

o homem, meu deus, era coisa

João Paulo Bense*

“Coisa”, que a Opiniões ora publica, tem estrutura formal que dialoga com a produção ficcional mais recente. Os períodos são breves, e mimetizam uma linguagem vista, por exemplo, na internet, nas redes. O início do conto traz essa marca: “Almoçando num prato de sobremesa, pra engolir mais fácil e sair mais rápido” ou “calculando o troco pro salgado na estação, que vai ser hora de ter fome”. Desse modo, seja pelo dado imagético ou pelo caráter contemporâneo de um registro – com a forma nominal do verbo como uma legenda de *selfie* em redes sociais –, o leitor é jogado no texto como se familiarizado com essa linguagem, pois é marca do seu tempo.

Mas, ainda sobre a sua forma, o conto de Enrique Aue ganha mais por *forfait* que por *knock-out* – a expressão utilizada por Cortázar para ilustrar esse gênero¹. Não

* Graduado em Letras (FFLCH-USP). Defendeu seu mestrado sobre João Antônio recentemente. Foi aprovado. É orientando do Professor Augusto Massi. E-mail para contato: joao.bense@usp.br

que se retiraram os demais cavalos do páreo. É que “Coisa” explora o conto breve dentro do que seria a “tradição da ruptura”: não há fusão de gêneros, e a prosa, sem ser autobiográfica, polifônica ou ensaística, se adere ao que seria um conto genuíno. Isso porque perderia quem apostasse que Aue somente iria simular o raso de postagens e reproduções próprias destes novos veículos de comunicação de mídia: o autor costura seu texto por meio da antítese (“O dia é curto e não passa nunca”), prosopopeia e polissemia (“Desemprego diz que meu tempo de vida não tá empregado em nada se não tenho profissão. Se não rendo dinheiro eu sou só um gasto”). Sob uma camada superficial aparente, o autor destila uma técnica peculiar a que, sem riscos, se poderia chamar estilo. Não há propriamente fôlego maior – trata-se de um conto breve que soube explorar a forma desse gênero –, mas uma baforada que torna o leitor vencido com larga vantagem de cabeças, corpos.

“Coisa”, então, nasce de uma tradição do conto curto, e explora a forma para refletir um dado próprio dos dias de hoje: a coisa-homem. A caracterização do eu narrativo se dá como um ponto de partida: trata-se de um desempregado, cuja pressa em se inserir socialmente passa por suas ações, formulações as mais corridas, reflexões interrompidas. Os diálogos narrativos dessa introdução são curtos, e muitas vezes apenas imaginados. A sua característica de função fática tenta sopesar o verdadeiro silêncio entre as “coisas” humanas, um romper inócuo para o encontro do eu consigo mesmo. Mas o que se vê é coisa que, no entanto, reforça o ruído interior.

O protagonista vai assim, pouco a pouco, perdendo a própria humanidade. Começa por não ser respondido na inútil procura de emprego, responde a um seu igual do mesmo modo, pelo silêncio, ruído, pressa: o artista, outro que, à deriva, topa seu caminho, é da mesma forma ignorado pelo protagonista, porque este também “tem tempo pra coisa nenhuma”. A consciência

incipiente da reificação no eu irá assumir, por dentro dele, a forma de um mal-estar inominado:

O silêncio tem um som irritante. Um “z” com acento agudo. Sem vogal, mas contínuo, um metal vibrando, furadeira minúscula apontando meu tímpano direito. Silêncio sem tranquilidade.

O “terror” de que fala o título do conto seria a materialidade desse silêncio. Ele toma a forma de algo – a “coisa” – que primeiro se assume como “um caco de vidro de gelo” para, mais tarde, ser uma “prega” no rosto do eu, com “as garras enganchadas nas minhas pálpebras”.

E é aí que “Coisa” dialoga com um outro conto curto, “À deriva”, do uruguaio Horacio Quiroga [1878-1937] do livro *Contos de amor, de loucura e de morte* [1917]. Curto, divide-se em duas partes: a primeira narra da picada de uma jararacuçu e seus efeitos negativos no pé, na perna e em todo interior de Paulino, o protagonista; a segunda alcança o derradeiro ponto final da prosa, e vai da inesperada sensação de bem-estar, um processo descrito como se em oposição aos efeitos do veneno, à queda súbita, fatal. Uma “melhora da morte”, enquanto Paulino tentava, em vão, chegar a Tacurú-Pucú a fim de ser remediado contra a picada, bordeando a margem brasileira do Rio, durante seu monólogo sobre aqueles que, sem saber, ele para sempre deixaria.

Quiroga, “mestre do conto curto na América hispânica”, como defende o tradutor Eric Nepomuceno, cria nessa produção uma espécie de prosa em vertigem, do auge à degeneração daquele homem, e dessa “sombria energia” (QUIROGA, 2001, p. 70) a um pico que, de repente, culmina no corpo frio, inerte e à deriva, sobre as águas avermelhadas do Paraná. E isso sem abdicar dos recursos da linguagem literária: os significados de “picada” seria um dos exemplos: ora se trata da marca da víbora contra o pé de Paulino, ora um dado espacial do

próprio cenário pantanoso da ação (“Apressadamente apertou o tornozelo com o lenço e continuou pela pica-da até o seu rancho”).

“Coisa”, de Enrique Aue, lembra o conto do uruguaio ao descrever algo que se apodera de um homem por dentro. Os contos se aproximam não apenas pelo trato veloz com o gênero ou pela brevidade da ação. Conquanto haja essencial diferença de espaço – o do uruguaio se passa em uma zona rural; o conto do nosso “meio pernambucano, meio chileno” é urbano –, essa aproximação é possível também em razão da descrição de um mal que corrói um homem pelas entranhas, assunto a que ambos se propõem, ainda que o nominado veneno da cobra de Quiroga adquira no conto “Coisa” uma motivação que vai do nada a uma materialidade social.

Isso porque a degeneração física de Paulino, de um seu pé à cabeça (“A perna inteira, até a metade da coxa, já era um bloco deformado e duríssimo que arrebentava a roupa. O homem cortou a atadura feita com o lenço e abriu a calça com uma faca: o baixo-ventre transbordou inchado [...]”), é tratada em “Coisa” de modo inverso, e vai da venda do homem à sua prostração:

Tô no chão, nem me vi sentar ou cair. Desgraçado como se fosse vítima duma tragédia, se tivesse me acontecido alguma coisa [...]

E o eu irrompe em um choro. As relações se estabelecem novamente figuradas em sua falta. Como na conversa com a parceira, sempre pela chave da superficialidade: os diálogos são de novo incipientes, como se estabelecesse o cíclico irresoluto da vida. A passagem final, dúbia, encaminha o texto para uma espécie de consciência do “eu”, ainda que ele não possa nomear aquele tipo de oca epifania que o acompanha: “é, me aconteceu alguma coisa”, ainda anônima.

No todo, “Coisa” entra bem no jogo entre a brutalidade da vida exterior e a impotência íntima do protagonista, um refletido “lá fora” que se faz “aqui dentro”. Dessa vida não-vivida enquanto coisa, Aue evoca o que em Octavio Paz seria marca da humanidade: o tempo. Se para o ensaísta, o homem na História “é sinônimo de queda”, tal que “cada minuto é único e diferente porque está separado, cindido da unidade” (PAZ, 2013, p. 27) – o que o eleva da animalidade –, “Coisa” narra o sem tempo, amanhã e ontem iguais. Daí que o bicho, meu deus, já não era um homem. É coisa.

Referências Bibliográficas

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: _____. Valise de cronópio. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. Organização de Haroldo de Campos e Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PAZ, Octavio. A tradição da ruptura. In: _____. Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

QUIROGA, Horacio. À deriva. In: _____. Contos de amor, de loucura e de morte. Tradução e prefácio Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Notas

1 “Um escritor argentino, muito amigo do boxe, dizia-me que nesse combate que se trava entre um texto apaixonante e o leitor, o romance ganha sempre por pontos, enquanto que o conto deve ganhar por knock-out”. (CORTÁZAR, 2006, p. 152).